

DIMORFISMOS SEXUAIS DE ORIGEM CARDÍACA NO CURRÍCULO DO FORRÓ ELETRÔNICO¹

Marlécio Maknamara*

Marlucy Alves Paraíso**

Recebido: 13 mar. 2013

Aprovado: 02 maio 2013

* Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (2001). Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2005). Professor adjunto do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Departamento de Práticas Educativas e Currículo. Natal, RN - Brasil. E-mail: escrevequeuleio@yahoo.com.br

* * Pós-Doutorado em Educação pela Faculdade de Filosofia y Ciências de la Educación de la Universidad de Valência Espanha (2009). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2002). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, MG - Brasil. E-mail: marlucyparaíso@gmail.com

Resumo: O forró eletrônico é um currículo cultural que divulga imagens, saberes, verdades e significados sobre modos de ser e estar no mundo. Busca-se aqui problematizar a subjetividade forrozeira como uma construção indissociável das articulações entre corpo, gênero e sexualidade suscitadas pelo currículo do forró eletrônico. Considerando que nesse currículo o corpo é pensado por meio das partes que o constituem, elege-se o coração como foco de análise, uma vez que nas sociedades ocidentais tal órgão dá coerência à vida psíquica de qualquer indivíduo. Com base nos estudos do francês Michel Foucault, são analisados alguns fragmentos discursivos em torno do coração que concorrem para a produção da subjetividade forrozeira. Os fragmentos discursivos aqui analisados evidenciam que o “ser forrozeiro” também se funda sobre metáforas corporais e toda uma imagética organicista em torno de suas experiências, sobretudo aquelas que articulam corpo, gênero e sexualidade em torno do coração.

Palavras-chave: Currículo. Forró eletrônico. Corpo. Gênero. Sexualidade.

SEXUAL DIMORPHISMS BY CARDIAC ORIGIN IN THE FORRÓ ELETRÔNICO CURRICULUM

Abstract: Forró eletrônico is a cultural curriculum that disseminates images, knowledge, meanings and truths about ways of being in the world. Here we seek to problematize forrozeira subjectivity as an inseparable construction of joints between body, gender and sexuality raised by the curriculum of forró eletrônico. Whereas in this curriculum the body is thought through its constituent elements, we elect heart as analytical focus, since in Western societies it gives coherence to the psychic life of any individual. Based on Michel Foucault, some discursive fragments around heart that contributes to the production of forrozeira subjectivity are analysed. Those fragments shows that being forrozeiro is also based on bodily metaphors and a whole organicist imagery around its experiences, especially those that seek to articulate body, gender and sexuality around the heart.

¹ Este trabalho foi subsidiado por auxílio financeiro da CAPES.

Key words: Curriculum. Forró eletrônico. Body. Gender. Sexuality.

Que diferença da mulher o homem tem?
Espera aí que eu vou dizer, meu bem
É que o homem tem cabelo no peito
Tem o queixo cabeludo
E a mulher não tem
(GONZAGA, 1984)

Já faz alguns anos que homens e mulheres de carne e osso têm suas supostas diferenças cantadas no forró. Ao som desse gênero musical, seus corpos têm sido demandados, radiografados, perscrutados, produzidos e aperfeiçoados. Toda essa empreitada vem construindo corpos masculinos e femininos que não apenas se movimentam ao som de um ritmo dançante, mas que também terminam por participar do espetáculo da criação, dicotomização e borramento de fronteiras, por meio de músicas que elegem gênero como sua temática primordial. Se hoje tais fronteiras continuam a ter no corpo um terreno privilegiado para sua delimitação, chama a atenção o fato de que no forró eletrônico² elas têm sido desenhadas em torno de um elemento muito particular, o coração.

Fundamentado nas teorias pós-críticas³ da educação, o presente trabalho parte do pressuposto de que há um “currículo do forró eletrônico”: aquilo que pode resultar como efeito de estratégias e técnicas específicas acionadas por seus discursos, contribuindo para a formação de pessoas ao atribuir significados a lugares, coisas, fenômenos, práticas e sujeitos (MAKNAMARA, 2012). Ao reconhecer que “ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura” (LOURO, 2008, p. 18), busca-se aqui problematizar as subjetividades forrozeiras como construções indissociáveis das articulações entre corpo, gênero e sexualidade suscitadas pelo referido currículo. Especificamente, a análise é delimitada em torno de fragmentos discursivos que incidem sobre aquele que, segundo Vaysse

² A respeito do gênero musical *forró* e do *forró eletrônico* (um de seus estilos musicais), conferir os trabalhos de Maknamara (2012) e de Maknamara e Paraíso (2012).

³ O termo “pós-críticas” designa aqui o resultado da influência do pós-modernismo, do pós-estruturalismo e das filosofias da diferença, bem como dos estudos culturais, pós-colonialistas, pós-marxistas, multiculturalistas, ecológicos, étnicos e dos estudos feministas e de gênero sobre teorizações, pesquisas e práticas no campo educacional. Para um melhor detalhamento acerca de tais influências, conferir o trabalho de Paraíso e Meyer (2012).

(2005, p. 40), constitui “um dos lugares do corpo mais investidos para figurar certos valores da vida social, certas esperanças da vida espiritual, certos movimentos da vida afetivo-emocional”, qual seja, o coração.

O argumento aqui desenvolvido é o de que o currículo forró eletrônico aciona um “dimorfismo sexual de origem cardíaca”. No referido currículo o coração forrozeiro figura como significante flutuante por meio do qual é possível identificar o masculino e o feminino em termos de diferenças somático-fisiológicas e simbólico-psíquicas das relações que cada um/uma estabelece com aquele órgão, em meio a articulações corpo-gênero-sexualidade. Concorre para tal identificação uma “tecnologia somatizadora do gênero” que toma supostas diferenças entre masculino e feminino como trama embrionária da constituição cardíaca de cada sexo. Esta tecnologia opera segundo a atuação concomitante de dois mecanismos: um “mecanismo diagnóstico” e um “mecanismo prescritor” das particularidades cardíacas. O primeiro funciona indicando dados para o reconhecimento de características cardíacas ligadas aos sexos, enquanto o segundo atua especificando tratamentos destinados aos corações masculinos e femininos.

CORPO E CORAÇÃO: METÁFORAS EM CONSTRUÇÃO

“Uma máquina maravilhosa”. É com estes termos que Le Breton (2008) especula como seria definido o verbete *corpo* em um suposto “dicionário moderno de ideias feitas”. Ainda que tal dicionário não exista (pelo menos não-formalmente), a metáfora do corpo-máquina vem sendo diuturnamente editada em diferentes artefatos culturais, num processo para o qual não parece haver previsão de esgotamento. Pensar o corpo por meio desta metáfora, admirá-lo em termos do que ele pode ter de maquínico e achar tudo isso “maravilhoso” só é possível quando se vive aquilo que Sant'Anna (2001) chama de corporeísmo, uma tendência global à problematização, adulação, cultivo e exploração exaustiva do corpo.

Há, assim, uma “evidência contemporânea do corpo” (SANTAELLA, 2006) e ele, com toda a visibilidade que vem ganhando nas últimas décadas, parece estar nada mal. Da condição de inferioridade que adquiriu no cristianismo, passando pela ideia de sua oposição à alma no pensamento cartesiano, deu um salto. Para Sant'Anna (2006), este salto compreende uma adesão crescente à ideia de independência do corpo relativamente aos patrimônios biológico e cultural,

aos quais se procurou vinculá-lo historicamente. O corpo estaria, assim, se desprendendo das delimitações entre natural/artificial, certo/errado, verdadeiro/falso, num movimento de relativização de tais limites que ganha inédita visibilidade midiática ao passo em que é impulsionado por avanços tecnocientíficos.

As cambiantes, ambíguas e divergentes experiências a que o corpo tem sido submetido, põem em xeque sua suposta exclusividade biológica e dão lugar à ideia de um caráter ficcional da corporeidade. A começar pela própria dimensão biológica desta corporeidade – que não deixa de afrontar o autorreconhecimento diante de um espelho, das sensações e das enfermidades –, o corpo está fadado ao inacabado: mas não apenas por sua incessante atividade fisiológica, como também por sua contingencialidade histórica. O corpo é, inevitavelmente, “um processo histórico” (SANT'ANNA, 2000), pois ao mesmo tempo em que testemunha as condições pelas quais passou, constitui ponto de apoio para as forças que tornarão a modificá-lo. É nesse sentido que Foucault (2007) o vê como superfície de inscrição de acontecimentos, “formado por uma série de regimes que o constroem” (FOUCAULT, 2007, p. 27). O corpo seria, por isso, um “interlocutor da história” (DEL PRIORE, 1994), objeto decisivo para se investigar as aventuras, dores e desejos não apenas dos reis e de outras figuras consideradas emblemáticas, mas também de personagens anônimos em suas necessidades “de se alimentar, produzir e trocar, ou de rir, amar, conhecer e criar” (p. 50).

O corpo constitui, portanto, um domínio de forças da ordem do biológico e do simbólico. Se ele “contém em si a herança dos mortos e a marca social dos ritos” (GIL, 1990, p. 222), não deve ser visto como destino, mas como um “suporte do sentido”. Em atenção a toda essa dimensão de construção simbólica, Le Breton (2008) identifica em nossas sociedades um “sentimento de maleabilidade do corpo” que incide sobre as condutas corporais dos indivíduos e concorre para isolar o corpo “como uma matéria à parte que fornece um estado do sujeito” (p. 28). O corpo passa a ser permanentemente trabalhado de modo a suportar e abrigar performances de sujeito, inscrever modos de ser sujeito. A sensação é a de que ainda que todos/as tenham um corpo e com ele convivam permanentemente, ele parece ter sempre algo a mais a incorporar, fazer e “falar”.

Se o corpo cada vez mais desempenha um papel decisivo em práticas de significação e de produção de subjetividades, ele pode dizer muito das capacidades, limitações e anseios de

um/uma forrozeiro/a. Em outras palavras, se nossa existência é corporal, é possível analisar o que concorre para a produção de subjetividades forrozeiras focalizando aquilo de que um corpo é capaz no currículo do forró eletrônico. Tomando tal possibilidade como um objetivo, a seguir, a análise da produção dessa subjetividade forrozeira será feita por meio das conexões entre corpo, gênero e sexualidade que se inscrevem no coração.

CORAÇÃO: LUGAR PARA DIAGNOSTICAR BINARISMOS NO CORPO FORROZEIRO

O coração que hoje pulsa ao som do forró eletrônico, muito antes de ser descoberto anatomicamente como “bomba propulsora de sangue”, já era considerado, segundo Prates (2005), como símbolo da vida, da coragem e da razão. Le Goff (1989) destaca que dos séculos XIII ao XV o imaginário em torno do coração se expande e prolifera de tal maneira que chega “por vezes ao delírio”. Tal órgão é tematizado como “sol do corpo”, como refeição para amantes pegas em traição pelos seus maridos (na literatura francesa do século XIII), como lugar privilegiado do sofrimento e do martírio. Nem mesmo o coração de Jesus ficou imune a tantas investidas simbólicas, passando de um “muito doce coração” em São Bernardo, no século XII, ao “sagrado coração”, devocionado desde os séculos XVI e XVII. Toda uma mística em torno do órgão (de Jesus ou não) se consolida segundo a metáfora da dupla corpo/coração, explicativa do arcabouço e do funcionamento dos indivíduos: “o coração absorveu tudo o que há de espiritual no homem” (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 158).

Mas hoje em dia o que vem a ser, afinal, um coração forrozeiro? Quais são os aspectos de seu funcionamento? Do que é capaz? Como este coração é localizado em meio às demarcações discursivas do forró eletrônico em torno das articulações corpo-gênero-sexualidade?

No forró eletrônico, o caráter ficcional da corporeidade também tem sido desenhado em torno de um espaço muito particular, o coração. Em tal currículo, o coração é animado a assumir feições humanas, a ponto de ser confundido com o próprio indivíduo que lhe é portador. Em alguns fragmentos discursivos, ainda, fala-se do coração como se estivesse falando de si mesmo. De todo modo, aqui a estratégia discursiva parece ser a de dar vida própria ao coração para

ensinar os indivíduos a dividir e a reconhecer em seus corações os ônus e bônus das posições de sujeito que lhes são demandadas.

Dessa forma, quando se diz *enlouqueci meu coração* (BMV9N7)⁴, *meu coração por teu nome chama, quer chamar sua atenção* (BMV13N6), ou mesmo quando se questiona *por que meu coração insiste em te querer?* (BMV13N12), não está em jogo uma simples questão de dar voz e ouvir o coração. Recorrendo a esse órgão, o forró eletrônico investe sobre capacidades corporais específicas e as vincula a possíveis dilemas e “estados de espírito” passíveis de serem reconhecidos em posições de sujeito forrozeiras. A relação de correspondência entre o coração e a personalidade de quem o possui foi problematizada por Vaysse (2005), ao analisar as inusitadas reações de transplantados frente ao coração recebido. Nelas, bem mais que o saque ou o depósito de um coração, o transplante cardíaco constitui novas movimentações na subjetividade de quem passa a sentir um coração que foi transferido para seu corpo. Enquanto que para alguém o coração veicula a “índole” de seu antigo “dono” – o/a doador/a –, para outrem esse órgão se personifica à imagem de seu novo dono, o/a receptor/a. O coração, portanto, não possui somente uma dimensão somático-fisiológica, mas também uma faceta simbólico-psíquica. Mas o que vem a ser, afinal, um coração forrozeiro?

No caso do coração forrozeiro, o mesmo corpo que abriga a festa – uma expressiva marca do estilo de vida forrozeiro – pode sediar a tensão e ansiedade de quem está prestes a se sentir jogado/a em uma masmorra. Essas investidas do forró eletrônico sobre o coração forrozeiro remetem ao que Louro (2004) discorre acerca da contingencialidade dos corpos, na medida em que são valorados histórica, circunstancial e transitoriamente. É que, em se tratando das múltiplas significações a que está sujeito um corpo – o que inclui arbitrar em torno de seus órgãos, suas capacidades, sua fisiologia, sua movimentação, seus gostos e afetos –, o que ele encarna é aquilo que resulta de construções discursivas que são sempre relacionais e contestadas. Não é à toa que todo um “vocabulário carcerário” é acionado para falar de forrozeiros/as e de seus corações no forró eletrônico.

⁴ Os excertos que trazem fragmentos das músicas aqui analisadas são acompanhados de parênteses com siglas indicativas da banda (AF = Aviões do Forró; BM = Banda Magníficos; CF = Cavaleiros do Forró; CP = Calcinha Preta), do volume do CD e da faixa a que corresponde a música em questão. No caso de “(BMV9N7)”, por exemplo, está-se fazendo referência a uma música que está na faixa 7 do nono CD da Banda Magníficos.

Nas músicas objeto desta investigação, o coração tanto pode ser uma cela – a ponto de fazer um forrozeiro **detento** confessar que uma mulher o pegou *pelos grades do meu coração, me fisgou, me jogou na prisão* (BMV11N6) – como pode ele mesmo ser preso. No primeiro caso, como toda cela, o coração pode ser aberto sob determinadas circunstâncias: é assim que se vê um forrozeiro **carcereiro** dizer *you tem carta branca nesse meu coração* (BMV9N2) a uma mulher para quem confessa abrir *todas as portas do meu coração* (BMV9N2). Já no segundo caso, uma forrozeira **liberta**, ao saber que seu “ex” nunca a amou, decide: *nada mais vai me prender o coração* (BMV13N5). Talvez por essa decisão ela repita insistentemente que *meu coração agora é free* (CPV16N6), celebrando sua libertação como uma verdadeira cura, pois seu coração, agora *maduro e vacinado*, a partir de então, *anda solto por aí e só vai gostar de quem gosta de mim* (CPV16N6). O vocabulário carcerário em torno do coração forrozeiro constitui uma forma de conexão do currículo do forró eletrônico aos discursos midiáticos, uma vez que estes, segundo Paraíso (2007), frequentemente recorrem à emoção associada à prática do “abrir o coração” por meio da confissão para produzir tipos particulares de sujeitos.

Aqui, enquanto a forrozeira liberta aparece como mais propensa à libertação e à mudança, o forrozeiro detento parece ter um coração mais afeito ao cativo, ao fechamento e ao conformismo quando lembra sem dificuldade que *hoje a saudade visitou meu coração e perguntou por ti* (BMV9N14). Todo esse gradiente generificado de aprisionamento do coração forrozeiro se constrói em torno de um problema fundamental para ele e para ela: a dominação do coração. No forró eletrônico, o coração precisa ou é passível de ser dominado. Aparentemente paradoxal diante de discursos que demandam festa, movimentação e volatilidade (MAKNAMARA, 2011), a dominação cardíaca consiste em exercício fundamental para a construção do masculino e do feminino em um currículo voltado à constituição de forrozeiros/as.

Segundo Louro (2004), indivíduos aprendem a se classificar e a se reconhecer como sujeitos pelas formas particulares com que se apresentam corporalmente. Exercitar a dominação cardíaca emerge, assim, como estratégia discursiva reforçadora do estilo de vida demandado pelo currículo do forró eletrônico: acostumados/as ao universo flexível e fluido da dança, da pegação e da bebedeira (MAKNAMARA; PARAÍSO, 2011), forrozeiros e forrozeiras seriam impelidos/as a viver “correndo atrás” de corações em que pudessem se ancorar. Com mais este estratagema, o currículo do forró eletrônico dá a ver as artimanhas de um biopoder, pois este, segundo Hardt e

Negri (2003), se faz presente em situações nas quais o que conta é a produção e a reprodução da vida mesma – neste caso, a fabricação, perpetuação e organicidade de técnicas e exercícios em torno de um estilo de vida forrozeiro.

Nesse sentido, uma forrozeira **aeronauta** parece ser levada a fazer questão de frisar que seu coração *flutua leve e solto, voando nesse amor sem fim* (BMV13N1), que *ninguém domina um coração apaixonado assim* (BMV14N1). Dessa verdade construída em torno do coração da aeronauta faz-se uma tática da qual ela poderia extrair um duplo benefício: por um lado, encontrar-se-ia um meio de prolongar contatos com um possível pretendente, o qual precisaria de um esforço redobrado para dominar o coração que tem em vista – *ai, como é duro dominar seu coração* (AFV1N11), diria ele à forrozeira; por outro lado, a lógica da cordi-rebeldia da aeronauta também forneceria uma espécie de justificativa para terminar um relacionamento quando este fosse ameaçado por uma paixão externa ao casal: *ninguém segura um coração apaixonado* (CFV6N5), ela lembraria ao parceiro na hora de anunciar que estaria indo embora por causa do reaparecimento de um ex-namorado.

Com toda a reiterada afirmação da existência de um coração feminino indomável, um homem que se atrevesse a desafiar essa barreira já deveria saber o tipo de desafio que encontraria pela frente. De posse dos ensinamentos do forró eletrônico, se alguém o arguisse sobre esse assunto, ele responderia: *sei que custa dominar o coração* (CPV9N14). Mas a que tipo de recursos um forrozeiro pode recorrer no sentido de conseguir dominar o coração feminino? De que ele deve ser capaz para tal feito? Que tipo de forrozeiro seria esse, afinal? Ao som do estilo musical aqui em questão, uma resposta a tais questões não descartaria a possibilidade de um **cowboy** ser o homem digno de ganhar o coração de uma forrozeira.

Na figura do cowboy, o forró eletrônico acopla cinema e nordestinidade para falar de um modelo de masculinidade. Encarnado nos inúmeros papéis desempenhados por atores como John Wayne e Clint Eastwood no cinema americano, o cowboy define um tipo de sujeito masculino⁵ que o currículo aqui investigado disponibiliza e valoriza. Mais que isso, o cowboy é uma posição de sujeito acionada para ser naturalizada, incorporada no universo masculino forrozeiro. No que

⁵Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/John_Wayne>. Acesso em: 05 set. 2009. (Cf. http://guiadasemana.uol.com.br/Maceio/Cinema/Noticia/O_ultimo_cowboy_americano.aspx?id=54468 Acesso em: 05 set. 2009.

diz respeito às possibilidades de que processos de subjetivação circunscritos a tal finalidade sejam bem-sucedidos, não deixa de ser notável que John Wayne tenha se autodefinido como um mau ator por ter apenas “sempre representado a si mesmo” em seus papéis de machão. Já o ator Clint Eastwood, um homem de “somente duas expressões faciais”, é considerado “o último cowboy americano”⁶, o que parece ser sinalizador de certa decadência desse ícone ou, pelo menos, de que ele estaria dividindo espaço com outras formas de masculinidade em “tempos de homens duvidosos” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2010).

E não estaria? Até mesmo uma das versões brasileiras do cowboy, o vaqueiro – que funcionou como “reserva de masculinidade” à qual se recorreu para inventar o Nordeste e o nordestino (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003) –, participa de brincadeiras feminilizantes (AIRES, 2008). Ao acionar o cowboy em seus discursos, o currículo do forró eletrônico parece supor e sentir certo processo de “feminização dos homens”. Esse tipo subjetivo deve ser estimulado, treinado e acostumado a lidar com situações difíceis e com desafios importantes para a afirmação de uma masculinidade pautada no uso da força, da competição, da estratégia e do cálculo preciso e metódico daquilo que é necessário fazer para obter êxito. O currículo aqui em tela, em suas empreitadas heteronormativas, endereça o cowboy ao público forrozeiro como se isso fosse suficiente para afastar o “perigo” de uma masculinidade “desviante”, num tempo em que os vaqueiros estão “mudados” e até os cowboys são gays (como no filme “O Segredo de Brokeback Mountain”). Mas quanto ao domínio de um coração feminino tão arredo a prisões, o que caberia ao forrozeiro cowboy fazer para, enfim, sentir-se vencedor?

CORAÇÃO: CAMPO DE AÇÃO FORROZEIRA PARA PRESCRIÇÕES GENERIFICADAS

Ora, um representante do modelo de masculinidade não parece ter muitas alternativas a não ser julgar o feminino com base em uma naturalização do gênero que a ele seria correspondente. O discurso regulatório que constrói um indivíduo como sujeito de gênero é precisamente o mesmo que demanda desse indivíduo que ele pense, aja e se assuma como sujeito

⁶Disponível em:

<http://guiadasemana.uol.com.br/Maceio/Cinema/Noticia/O_ultimo_cowboy_americano.aspx?id=54468>. Acesso em: 05 set. 2009.

desse discurso (BUTLER, 2006). Assim sendo, o forrozeiro construído como cowboy no currículo do forró eletrônico parece ser levado a pensar segundo a máxima “mulher é sentimental demais” e a fazer desse sentimentalismo feminino algo a ser utilizado estrategicamente a seu favor. Ao colocar em cena a temática da conquista de um coração feminino, o discurso do forró eletrônico não apenas elege um personagem-clichê para as artes da dominação cardíaca. Aqui está sendo produzido certo manual de anatomofisiologia, por meio do qual um simples órgão vai sendo preenchido de significados, sendo revestido de discursos, imagens e textos que vão produzindo formas particulares de ver, sentir e descrever esse componente do corpo humano, essa porção privilegiada de uma experiência forrozeira do corpo.

De acordo com o manual supracitado, a conquista do coração da forrozeira aparece figurando como uma questão para uso de algumas táticas: dispara-se uma frase elogiosa – *prometi pro meu coração que não ia me apaixonar, mas quando vi você fiquei sem forças pra lutar* (CFV6N7), *meu coração não tem culpa de por ti se apaixonar, ao te ver te juro que não resisti* (CPV12N9); antecipa-se um problema pelo qual o forrozeiro passaria – *sem você eu vou ficar na solidão e magoar meu coração* (CPV19N12); pede-se uma chance – *vai, dá uma chance pro meu coração que tá morrendo* (BMV15N6), *meu coração precisa do seu amor pra viver* (CFV4N7) – e argumenta-se por ela – *eu não sei mais o que fazer com essa solidão... / meu coração não para de chorar* (CPV13N12), *meu coração é sincero* (AFV5N7); e promete-se algo grandioso – *me dá seu coração que eu te dou meu castelo pra você reinar* (CFV6N14).

Mesmo que a forrozeira não ceda, e deboche dizendo *você pensou que era dono do meu cruel coração* (CFV2N5), o forrozeiro dispõe de mais algumas táticas em seu acervo de masculinidade: produz-se um diagnóstico aparentemente despretensioso – *só saiba que meu coração está sofrendo demais* (BMV10N10); profetiza-se um castigo – *toma cuidado, seu coração vai aprender o que é paixão* (CPV8N5) e dá-se advertência – *nunca maltrate um coração de quem não merece sofrer, pra não ficar na solidão, de mão em mão, assim como você* (AFV4N2); demonstra-se dúvida – *será que você não pensa em mim?* (BMV10N10) – e impaciência – *meu coração é paciente e lento, mas se cansou* (AFV3N2) – para que seja justificado certo descontrole – *veja, veja minhas mãos, suando sem saber se vai dizer “sim” ou “não”* (AFV3N2).

No limite, o forrozeiro é levado a ficar de mãos suadas diante de uma nova postura feminina, comumente atribuída aos homens, que é a da firmeza, impavidez, quase indiferença – *ela não liga não, só porque sabe que ganhou meu coração* (AFV2N5), diz ele, quando começa a questionar ao seu próprio coração: *para quê se apaixonou por alguém que nunca te amou, alguém que nunca vai te amar?* (AFV2N6). Em contrapartida, a forrozeira, que parece levar a sério a conquista do “coração-free”, não se mostra disposta a entregar-se por qualquer dúzia de táticas masculinas, quando é ensinada a não *ficar por ficar*, pois *tem que bater no coração* (BMV13N7). Afinal, por que uma forrozeira recém-liberta arriscaria submeter-se a essas táticas quando se sabe, com Foucault (2008, p. 409), que táticas são manobras?

Se durante tanto tempo a elas se atribuiu a propriedade da paciência, da intuição e da sensibilidade (GOELLNER, 2007), parece ter sido desenvolvido para a forrozeira um coração-sensor daquilo que valeria ou não a pena para si. Nesse sentido, tanto o coração-free quanto o uso que dele se faz funcionam segundo uma lógica de liberação do corpo e de tudo o que está associado a ele. De tão livre que é seu coração, ela lamenta: *ah, se eu pudesse, se eu pudesse combinar/combinava o coração pra gostar só amanhã/ que hoje eu ia namorar* (AFV3N15). E o que ela faria se pudesse acertar seu coração com esse desejo? *Namorava noite-e-dia... /e quando visse que a hora tinha chegado liberava o coração pra gostar de quem quiser!* (AFV3N15). Vale supor que, a essas alturas, “dado o adiantado da hora”, o forrozeiro já estaria desesperado, *à beira da loucura*, tendo aprendido que só lhe restava leiloar seu próprio coração: *eu vou fazer um leilão/ quem dá mais pelo meu coração?* (CPV9N14). Mas afinal, o coração masculino é para ser dominado ou leiloado? Em meio a todas as investidas e turbulências em torno da conquista do coração feminino ele passaria incólume à necessidade de dominação de corações que se constrói, divulga e ensina no currículo do forró eletrônico?

Se até aqui prevalece a lógica da diferenciação entre os sexos e dos binarismos de gênero, é esperado que o órgão considerado central ao corpo humano não pulse em outro ritmo, pois é inerente a uma relação de poder ter capacidade para ampliar seu campo de atuação, e passar “por nossa carne, nosso corpo, nosso sistema nervoso” (FOUCAULT, 2003, p. 151). No currículo do forró eletrônico se ensina que há uma diferença fundamental entre o coração da mulher e o do homem. Reitera-se a naturalização daquilo que Louro (1995) identifica como uma marca do pensamento ocidental: a oposição masculino/feminino. Essa reiteração de binarismos de gênero

ganha corpo até no coração, remetendo a uma espécie de biopoder cuja função mais elevada é administrar a vida “cercando-a por seus quatro cantos” (HARDT; NEGRI, 2003, p. 36). Aqui, o coração feminino bate para ser dominado e o coração masculino pulsa para ser curado. Um forrozeiro parece ser levado a duvidar da possibilidade de um coração masculino dominado – *quem é que domina o meu coração?* (BMV11N8), pergunta ele em ar de desafio.

No forró eletrônico a verdade que se constrói em torno do coração do forrozeiro é a de que ele bate para ser curado porque vive adoentado: a qualquer momento, ele pode aparecer sem voz – *esse medo cala a voz do coração* (CPV12N9); pode ficar cego – *por que o coração da gente às vezes cega e quando se dá conta já se apaixonou?* (CPV17N7); pode se mostrar magoado, fora do compasso (CFV5N25) quando uma forrozeira se vai e o deixa *sentindo frio no meu peito e dor no coração* (AFV3N14); por causa de saudades, pode bater mais forte – *hoje lembrei de você, andando pela rua/ coração bateu mais forte, foi saudade sua* (CPV19N5) – e acelerado, deixando o forrozeiro confuso – *eu não sei o que aconteceu comigo, tá batendo acelerado o coração* (CFV7N11). Nesse sentido, se o currículo do forró eletrônico ensina que estaria na forrozeira a origem das cardiopatias masculinas (MAKNAMARA, 2011), ele também disponibiliza a posição do forrozeiro **doente** para cowboys e afins que venham a relacionar-se com uma forrozeira de certo tipo.

O doente, que já havia advertido a uma forrozeira dizendo *pára! Eu não vou suportar toda essa barra, meu coração um dia desses pára* (CPV12N7), quando está na UTI, manda chamá-la às pressas e não a chama de bandida, pois *daqui a pouco o coração pode parar outra vez, eu não sei se consigo aguentar/ avise a ela* (CFV4N2). Ele, no currículo do forró eletrônico, é incitado a agora ver na forrozeira uma **enfermeira** à sua disposição: *vem e tira essa angústia do meu coração* (AFV3N12), *vem, me dá a sua mão, ouve o meu coração dizer que te preciso* (CFV7N10). Enquanto leva um doente a depositar na enfermeira suas possibilidades de cura, o currículo do forró eletrônico reitera o enunciado de que “o cuidado é feminino”. O doente incorpora um discurso que vincula gênero, feminilidade e cuidado e que insiste em “influenciar o recrutamento majoritariamente feminino da área” (LOPES; LEAL, 2005, p. 114). Mal sabe ele que, no âmbito dos problemas circunscritos à prática profissional da enfermagem, a cura pode ser delegada ao masculino (médico) e a enfermeira pode ser vista como “anjo assexuado” (MUROYA; AUAD; BRÊTAS, 2011).

Contudo, ao encostar a mão no coração de um forrozeiro, a enfermeira poderia facilmente dominá-lo... Dominar o coração de um forrozeiro? Isso parece ser improvável, quando ele mesmo já foi levado a vaticinar: *ninguém segura o coração que quer amar* (AFV4N5). Valendo-se de um modelo de supostas autoridade e superioridade masculina historicamente construída, o forrozeiro apenas se permite conceder – o que é muito diferente de deixar dominar – seu coração à forrozeira. No entanto, a lógica da dominação sobressai e no caso masculino, se ele deixa seu coração ser concedido em vez de ser dominado, conquistado, é porque somente ele é conquistador e ele mesmo é quem deve autorizar quem vai ou não ter o privilégio de participar de sua concessão. Mesmo assim, parece ser levado a fazê-lo tendo em vista uma relação de troca, ao admitir que queria *entregar meu coração e ter o seu o tempo inteiro* (AFV1N11). Nessa lógica da troca, ele ordena: *abra o meu coração e diga o que vê/ lamento que não veja o quanto amo você* (CPV12N11). Ainda na UTI, ele, que parece se sentir permanentemente sob o fardo de ter de conquistar aquele coração indomável, manda avisar a ela *pra não ter medo de entregar seu coração por inteiro, eu não vou nunca lhe machucar* (CFV4N2). Mas afinal, ela liberaria ou não seu coração free (quase-)indomável para um forrozeiro hospitalizado?

Sim, o forró eletrônico ensina à forrozeira que seu coração só pode ser dominado por um forrozeiro do tipo cowboy! Esse ensinamento é tão eficaz que a leva a dizer, com ar de autoridade, a um pegador que lhe aparece: *não banque o super-herói, você só tem cacife pra ser bad-boy/ não banque o super-herói, meu coração já foi laçado pelo meu cowboy* (BMV13N2). Depois de toda a peleja do forrozeiro cowboy em torno da forrozeira enfermeira, ela, como julga ter um coração *justo e inocente* (BMV15N2), é propelida a declarar: *cowboy, você me ganhou, laçou meu coração* (CPV14N3). Entretanto, não é apenas ele que sai ganhando no forró eletrônico. Ao acionar o cowboy como tipo masculino digno de nota, o currículo do forró eletrônico refaz e faz sentir mais uma vez os efeitos de um dispositivo que procura ensinar o que conta como masculinidade fadada a ser vista como bem-sucedida. Em outras palavras, quando o cowboy ganha o coração da enfermeira, empresta sua vitória às linhas do dispositivo pedagógico da nordestinidade que insistem em autenticar o nordestino como modelo de masculinidade, tamanha sua proximidade entre este e aquele tipo masculino. Nesse sentido, o currículo do forró eletrônico consegue inserir, por meio de articulações corpo-gênero-sexualidade em torno do

coração, figuras masculinas e femininas no jogo das provocações e reiteraões de ideias de nordestinidade, conforme discutido em Maknamara (2012).

CORAÇÃO: DIVIDINDO ÔNUS E BÔNUS DAS SUBJETIVIDADES FORROZEIRAS

Quando se lança uma escuta atenta aos discursos das músicas de forró eletrônico, nota-se uma insistente reiteração de imagens de gênero, notadamente articuladas a possibilidades variadas de experimentação do corpo e da sexualidade. Por isso, diz-se que as referidas músicas são generificadas, uma vez que demandam de homens e mulheres ações, posturas e modos de ser distintos, desiguais e cambiantes. Por conseguinte, ao demandar, descrever, convocar e caracterizar, esses discursos também produzem posições de sujeitos distintas para serem ocupadas por homens e mulheres forrozeiros/as. Gênero, nestes discursos, não é apenas o componente privilegiado de suas temáticas, mas se afirma como importante dimensão da vida de seus ouvintes, disponibiliza racionalidades a partir das quais a audiência forrozeira pode pensar sua existência.

O corpo é um vetor semântico através do qual são construídas evidências de nossas relações com o mundo (LE BRETON, 2008). Qualquer investimento discursivo sobre o mesmo não se dá sem processos de subjetivação a ele correlatos. Em outras palavras, uma vez que o corpo é o ponto de partida para processos de subjetivação (CARDOSO JÚNIOR, 2002), corporeidades encarnam evidências de subjetividades. Nesse sentido, os fragmentos discursivos aqui analisados evidenciam que o “ser forrozeiro” também se funda sobre metáforas corporais e toda uma imagética organicista em torno de suas experiências, sobretudo aquelas que procuram articular corpo, gênero e sexualidade em torno do coração.

Isso fica demonstrado também no discurso do forró eletrônico. Nele, a estratégia discursiva parece ser a de dar vida própria ao coração para ensinar ele e ela a dividirem com seus corações os ônus e bônus das subjetividades forrozeiras. Dessa forma, quando se diz *enlouqueci meu coração* (BMV9N7), *meu coração por teu nome chama, quer chamar sua atenção* (BMV13N6), ou mesmo quando se questiona *por que meu coração insiste em te querer?* (BMV13N12), não está em jogo uma simples questão de dar voz e ouvir o coração. Recorrendo a esse órgão, forrozeiros e forrozeiras tratam do que homens e mulheres são capazes no forró

eletrônico. Em contrapartida, tais capacidades precisam ser vistas não apenas de uma perspectiva restrita ao coração, mas também por meio das relações que ele estabelece com outros órgãos no sentido de configurar toda uma experiência forrozeira do corpo. Fica, então, nosso convite para outros estudos acerca de tais capacidades, neste e em outros artefatos culturais.

REFERÊNCIAS

- AIRES, Francisco J. F. **O espetáculo do cabra-macho**: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas no Rio Grande do Norte. 2008. 182 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. **Nordestino**: uma invenção do falo: uma história do gênero masculino (Nordeste -1920/1940). Maceió: Catavento, 2003.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. Tempo de homens duvidosos (Perdidos na Noite). In: MARQUES, Nelson; MARCHI, Gianfranco; HAMMER, Rodrigo (Orgs.). **80 cult movies essenciais**. Natal: EdUFRN, 2010. p. 369-374.
- BUTLER, Judith. Regulaciones de género. **La Ventana**, Guadalajara, n. 23, p. 07-35, 2006.
- CARDOSO JR, Hélio Rebello. **Foucault e Deleuze em co-participação no plano conceitual**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- DEL PRIORE, Mary. A história do corpo e a nova história: uma autópsia. **Revista USP**, São Paulo, n. 23, p. 49-55, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU, 2003.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: MACHADO, Roberto (Org.). **Microfísica do poder**. 23. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007. p. 15-37.
- FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GIL, José. Corpo. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1990. v. 32, p. 201-266.
- GOELLNER, Silvana V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira L.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 28-40.
- GONZAGA, Luiz. Tem pouca diferença. In: COSTA, Gal. **Profana**. Rio de Janeiro: BMG, 1984.
- HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Buenos Aires: Paidós, 2003.
- LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2008.

LE GOFF, Jacques. Head or heart? The political use of body metaphors in the middle ages. In: FEHER, Michel; NADDAFF, Ramona; TAZI, Nadia (Org.). **Fragments for a human history of the body: part three**. New York: Zone, 1989. p. 12-27.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na idade média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOPES, Marta J. M.; LEAL, Sandra M. C. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 24, p. 105-125, 2005.

LOURO, Guacira L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 02, p. 101-132, 1995.

LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pró-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008.

MAKNAMARA, Marlécio. **Currículo, gênero e nordestinidade: o que ensina o forró eletrônico?** 2011. 151 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2011.

MAKNAMARA, Marlécio. O currículo do forró eletrônico como provocador da nordestinidade. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 38, n. 2, p. 363-380, 2012.

MAKNAMARA, Marlécio; PARAÍSO, Marlucy A. Problemas de gênero para escutar o forró eletrônico com ouvidos de educador/a. In: MAKNAMARA, Marlécio (Org.). **Encontros em educação: infância, história, política, cultura, meio ambiente**. João Pessoa: EdUEPB, 2011. p. 163-172.

MAKNAMARA, Marlécio; PARAÍSO, Marlucy A. Forró eletrônico: uma questão de governo... Uma questão também de educação? **Revista Exitus**, Campina Grande, Para, v. 2, p. 141-156, 2012.

MUROYA, Renata de L.; AUAD, Daniela; BRÊTAS, José R. da S. Representações de gênero nas relações estudante de enfermagem e cliente: contribuições ao processo de ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 64, n. 1, p. 114-122, 2011.

PARAÍSO, Marlucy A. **Currículo e mídia educativa brasileira: poder, saber e subjetivação**. Chapecó: Argos, 2007.

PARAÍSO, Marlucy e MEYER, D. E. E. (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

PRATES, Paulo R. Símbolo do coração. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 1025-31, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

SANT'ANNA, Denise B. de. Descobrir o corpo: uma história sem fim. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, n. 25, v. 2, p. 49-58, 2000.

SANT'ANNA, Denise B. de. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SANT'ANNA, Denise B. de. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen L. (Org.). **Corpo e história**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 03-23.

VAYSSE, Jocelyne. Coração estrangeiro em corpo de acolhimento. In: SANT'ANNA, Denise B. de (Org.). **Políticas do corpo**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 39-47.